

A inserção dos mesteres em Braga nos séculos XIV e XV

Ana Sofia Ferreira da Cunha¹
Universidade do Minho

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um resultado preliminar de investigação, que se pretende profunda e alargada, sobre a temática da inserção dos mesteres na urbe bracarense, no período compreendido entre os séculos XIV e XV. Depois de se fazer uma breve incursão pelo panorama historiográfico nacional e internacional, partir-se-á para a caracterização dos objetivos do trabalho, bem como a definição das fontes e as metodologias de trabalho. Ao mesmo tempo, ir-se-á expor de maneira breve a natureza da presença dos mesteres na cidade e os seus reflexos intra e extra muros da urbe.

Abstract

This article aims to present a preliminary result of research on the insertion of crafts in the city of Braga, in the period between the fourteenth and fifteenth century. After making a brief review into the national and international historiography, it will discuss the objectives of the work as well as the definition of the sources and methodologies of our investigation. At the same time it will briefly expose the nature of the presence of crafts in the city and its influence within and outside the city walls.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo surge no seguimento da investigação em curso, no âmbito da dissertação de mestrado, que propõe o estudo sobre a presença dos mesteres na cidade de Braga, no período compreendido entre os séculos XIV e XV.

Apesar de nas últimas décadas a produção historiográfica internacional relativa aos mesterais e à sua presença nas cidades medievais ser significativa, no panorama português ainda continua escassa. Além de algumas obras, poucas, centradas nessa temática, contam-se pequenos trabalhos ou capítulos de obras dedicadas a esta matéria. Para o caso da cidade de Braga, o conhecimento sobre o modo de instalação dos seus oficiais mecânicos no tecido urbano, nos séculos XIV e XV, permanece apenas parcialmente conhecido.

Deste modo, e aproveitando as mais recentes metodologias que relacionam os aspetos socioeconómicos com a utilização do espaço, visamos desenvolver um trabalho que, na nossa perspectiva, se torna fundamental para o conhecimento de um grupo de indivíduos responsáveis pela evolução da paisagem urbana, uma vez que a organização do espaço urbano é o resultado do “plasmar das características sócio-económicas, polí-

¹ Aluna do Mestrado em História, do Departamento de História da Universidade do Minho. Gostaria aqui de deixar uma palavra de apreço e agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Arnaldo Melo, por todo apoio e incentivo prestado ao longo de todo este trabalho.

ticas e culturais das comunidades que sucessivamente o foram ocupando”.² Uma destas comunidades refere-se aos mesteirais, que com frequência ocuparam ruas estreitas, tortuosas e íngremes³, sobretudo as que se localizavam nas principais artérias do tecido urbano. Contudo, nem sempre assim era, porquanto aqueles que, devido à sua atividade poluidora ou a outros constrangimentos, eram obrigados, por imposição régia ou concelhia, a localizar-se numa zona afastada do aglomerado populacional ou em locais muito específicos.⁴

Com ou sem intenção, o certo é que, a partir do século XIV, na maioria das cidades os mesteirais tendiam a concentrar-se em determinadas áreas, setores ou artérias do espaço urbano de acordo com o seu tipo de mester. A título de exemplo, temos os casos das cidades portuguesas de Guimarães, Porto e Évora, bem como algumas cidades de Itália e Espanha.⁵ Fruto do arruamento ou concentração verifica-se frequentemente a existência de topónimos designativos de uma atividade mesteiral, sendo o caso mais conhecido, pela generalidade das cidades medievais portuguesas e europeias, o da Rua Sapateira ou dos Sapateiros. Se, por um lado, a predominância de lojas, habitações ou tendas de determinada atividade numa rua não invalidava a instalação de outros tipos de ofícios mecânicos no seio da mesma; por outro lado, a artéria podia não contar com a presença do ofício mecânico que lhe deu a sua designação, ou pelo menos a mesma podia não ser preponderante.⁶

Tais atividades, devido ao surto de desenvolvimento e crescimento urbano a que se assistiu nos séculos XIV e XV, viram o número dos seus oficiais aumentar substancialmente, procedendo-se cada vez mais à sua especialização. Por isso, torna-se comum que “a tenda, propriedade do mesteiral ou alugada, era simultaneamente oficina e loja”.⁷

Face ao exposto e conhecendo a realidade de outras cidades portuguesas e europeias, será que em Braga a instalação dos mesteres se desenvolveu em moldes semelhantes ao de estes espaços urbanos? Ou estaremos perante realidades diferentes? Como é que se processou o modo de instalação dos mesteres bracarenses no tecido urbano da cidade? Teriam um papel ativo no seu dinamismo económico e na evolução da sua paisagem urbana?

É com o intuito de responder a estas questões que se tornou nosso objetivo principal compreender o modo de instalação e localização dos mesteres na cidade de Braga, no período tardo-medieval. Trata-se de analisar se estes artífices se encontravam dispersos por todo o tecido urbano, ou se definiram uma determinada área ou rua para se concentrarem de acordo com a tipologia do seu mester. De acordo com os dados analisados, e de modo a tornar estas informações mais perceptíveis e interpretáveis, elaborar-se-á uma cartografia final. Além deste objetivo fulcral, outros aspetos serão abordados e aprofundados, nomeadamente a estrutura do agregado familiar do respetivo grupo, a sua capacidade financeira, a tipologia das suas propriedades (pela cidade ou extramuros) e ainda os equipamentos utilizados para o exercício das suas atividades.

² Amélia Aguiar Andrade, *Horizontes Urbanos Medievais* (Lisboa: Livros Horizonte, 2003), 11.

³ *Ibid.*, 27.

⁴ Arnaldo Rui A. S. Melo, “Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média: O Porto, c. 1320 – c. 1415” (tese de doutoramento, Universidade do Minho, vol. I, 2009), 227; Amélia Aguiar Andrade, *Horizontes Urbanos Medievais*, 20.

⁵ Para estes, veja-se, respectivamente, alguns exemplos: Maria da Conceição Falcão Ferreira, *Guimarães: Duas vilas, um só povo* (Braga: CITCEM, 2010); Melo, “Trabalho e Produção”; Ângela Rocha Beirante, *Evora na Idade Média* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995); Donata Degrassi, *L’Economia artigiana nell’Italia Medievale* (Roma: Carocci, 1998); Manuel Fernando Ladero Quesada, *Las Ciudades de la Coroa de Castilla en la Baja Edad Media (siglos XIV al XV)* (Madrid: Cuadernos de Historia, 1996); Germán Navarro Espinach, “El impacto de las actividades industriales en el paisaje urbano de la Coroa de Aragón (siglo XV)”, in *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*, coord. de Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo, (Braga: CITCEM, 2012), 173-184.

⁶ Melo, *Trabalho e Produção*, 235.

⁷ A. H. de Oliveira Marques, “Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV”, in *Nova História de Portugal*, Vol. IV, dir. Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques, (Lisboa: Editorial Presença, 1987), 117.

É também nosso objetivo analisar as ligações destes artífices com as confrarias religiosas existentes na cidade e as suas relações com o poder concelhio. De facto, em muitas cidades os mesterais apresentavam um peso ou influência política significativos, uma vez que desempenhavam um papel ativo no dinamismo económico e simultaneamente ambicionavam participar na administração concelhia.⁸ Para finalizar, pretendemos abordar na nossa dissertação a questão do tipo de fiscalização e regulamentação existente sobre dois grupos específicos de mesterais: o da carne e o do pescado.

Partindo do princípio de que as cartas de empraçamento, aforamento, arrendamento, doação e escambo são, conforme opinião de Oliveira Marques, “a fonte número um para a topografia e a toponímia, que permite reconstruir a rede urbana e analisar a sua densidade, os meios de produção e distribuição, os preços, a moeda, os pesos e as medidas, as vias de comunicação, etc.”⁹; e uma vez que o elo entre a urbanística e os elementos socioeconómicos são componentes essenciais neste trabalho, tornou-se necessária a delimitação criteriosa de um conjunto de fontes histórico-documentais para constituírem a base de estudo desta investigação.

Selecionou-se, por isso, um conjunto de documentação proveniente de instituições que desempenhavam funções de relevo na cidade de Braga, nomeadamente do Cabido da Sé, da Misericórdia e do Concelho da cidade. Destes organismos, recolhemos cartas de empraçamento, tombos dos bens e propriedades e ainda algumas cartas de privilégios que se conservam, na sua maioria, no Arquivo Distrital de Braga e alguns no Arquivo Municipal. Centrámos o âmbito cronológico do nosso trabalho nos séculos XIV e XV, devido à escassez de informação relativa a séculos anteriores relativamente aos temas em apreço. Deparamo-nos, assim, com um conjunto documental e de dados muito maior para o século XV do que para o XIV, como de resto seria de esperar. Situação que se pode relacionar com o maior volume de documentação encontrada para o século XV.

Neste artigo, pretende-se salientar a importância dos mesteres nas cidades medievais e o seu modo de instalação nas mesmas, focando-nos, para o efeito, na cidade de Braga. Tendo em conta o objetivo do presente artigo, recorrer-se-á a pequenos exemplos da instalação de um grupo de mesteres, sobretudo do setor do calçado, no tecido urbano da cidade, verificando o seu modo de organização e relação com a toponímia.

Descritos os objetivos e fontes da nossa dissertação e os conteúdos que se pretendem abordar, fazendo paralelismo com a realidade de outras cidades, passaremos agora ao caso concreto do espaço urbano aqui em análise.

A INSERÇÃO DOS MESTERES NA CIDADE DE BRAGA

Os indivíduos em estudo neste trabalho são todos aqueles cuja profissão implique uma aprendizagem e especialização, e que se designam de *mesterais*. Estes oficiais mecânicos desempenhavam as suas funções, sobretudo no artesanato, indústria e comércio.¹⁰ Estamos a falar das principais atividades económicas, cujos produtos são essenciais para o abastecimento dos residentes, neste caso, da cidade de Braga, e para desenvolvimento das atividades comerciais.

A muralha de Braga “reutilizou o traçado norte da muralha romana até ao século XIV, muito embora seja impossível determinar a data da construção do perímetro sul

⁸ Maria Helena da Cruz Coelho, “Estado e Sociedades Urbanas” in *A Gênese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval (séculos XIII-XV)*, Ciclo Temático de Conferências, coord. de Maria Helena da Cruz Coelho e Armando Luís Carvalho Homem, (Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1999), 286.

⁹ A.H. Oliveira Marques, “As Cidades Portuguesas nos finais da Idade Média”, *Penélope – Fazer e desfazer a História (1988-1999)*, *Revista de História e Ciências Sociais (2000-2004)* 7 (1992), 28. <http://www.penelope.ics.ul.pt/pages/todo.htm>.

¹⁰ A.H. de Oliveira Marques, “Mesteres”, in *Dicionário de História de Portugal*, vol.4, dir. de J. Serrão [1963-1997] (Porto: Figueirinhas, 1985), 282-283; Idem, “Mesterais”, *Dicionário de História de Portugal*, vol.4, dir. de J. Serrão [1963-1971] (Porto: Figueirinhas, 1985), 280 - 282.

da fortificação medieval”.¹¹ No seu seio, a construção de edifícios religiosos e prestigiados, como o caso da Sé Catedral, levou à atração e fixação da população em torno dos mesmos, afastando-se assim dos eixos romanos reutilizados anteriormente.¹²

Posteriormente, ao longo dos séculos XIV e XV, com o alargamento da sua estrutura defensiva e consequente desenvolvimento do espaço interno de Braga, verificase que a maioria da população - incluindo os mesteirais – estava instalada nas principais artérias da cidade, que se encontravam organizadas em dois tipos de planos. O primeiro, que reaproveitou o traçado romano, era constituído pelos quarteirões e ruas regulares; o segundo, que resultou da espontaneidade do momento, incorporou aglomerados populacionais situados extramuros, mas que no século XIV, devido ao alargamento do sistema defensivo, se inseriram no perímetro interno da muralha. Este apresentava artérias mais sinuosas, tortuosas e bastante irregulares, que resultavam da nova malha urbana adaptada ao sistema defensivo.¹³

Do primeiro tipo de plano urbano, temos o exemplo da Rua Dom Gualdim, a Rua das Travessas ou a Rua da Erva. Estas últimas mantêm a regularidade do traçado antecedente, enquanto a Rua de Janes, a Rua Nova, a Rua do Postigo e a Rua da Sapataria são o resultado de uma espontaneidade adaptada aos caminhos preexistentes ou então, no caso das últimas artérias, adaptada à muralha.¹⁴ Em várias das ruas destes dois planos, e de acordo com as fontes aqui utilizadas, é visível a multiplicidade de ofícios e oficiais mecânicos instalados nos seus troços.

Assim, todos os visitantes ou indivíduos que elegiam a cidade de Braga como seu local de destino, de visita ou de residência, teriam à primeira vista os seus bens quotidianos e essenciais assegurados, evidência demonstrada através das diversas atividades de mester integradas neste centro urbano.¹⁵ Todavia, a maioria da documentação utilizada apenas fornece dados sobre o objeto de empraçamento e o seu enfiteuta, nomeadamente a sua profissão, ficando omissa a informação relativa à prática de seu ofício. Mas, uma vez que o nome da atividade de mester é mencionada, torna-se plausível que o exercício do seu labor decorresse no seio do mesmo núcleo urbano, onde “nos casos em que redacta que «mora» ou «moram» talvez se deva admitir, na ausência de mais informação, que se tratava de um espaço de morada e trabalho”.¹⁶

Na documentação compulsada, para além dos enfiteutas, aparecem frequentemente indicações sobre os edifícios confrontantes e respetivos moradores. Procurámos, assim, estar atentos e recolher todo o tipo de informação e os seus pequenos detalhes relativos a estas atividades que a documentação nos foi fornecendo, desde locais de habitação, de venda – mercados, praças e rossios – a outros equipamentos relacionados com os vários mesteres bracarenses.

Através da análise documental até agora efetuada, podemos constatar que em Braga medieval se destacavam os seguintes mesteirais: sapateiros, correeiros, soqueiros, cinteiros, peliteiros, ferreiros, alfaiates, barbeiros, ataqueiros, carpinteiros, picheleiros, pedreiros e cutileiros. Menos abundantes parecem ser os ourives, os açagadores, os tanoeiros e os moleiros. Apesar de a maioria das referências a estas atividades dizer respeito a elementos do sexo masculino, verificamos também, mas em quantidade reduzida, a presença de mulheres ligadas a estas profissões, como os casos de uma regateira, duas alfaiatas, uma tecedeira e ainda um designativo que nos parece bastante curioso, o de uma *talha bolsas*.¹⁷

¹¹ Maria do Carmo Franco Ribeiro, “A Evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Média – Síntese de resultados”, *Fórum* 44-45, (2009/2010): 189.

¹² *Ibid.*, 190.

¹³ *Ibid.*, 191.

¹⁴ Para um melhor enquadramento destas artérias, veja-se o mapa n.º 1. *Ibid.*, 191.

¹⁵ Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo, “A Influência das Atividades Económicas”, *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*, (Braga: CITCEM, 2012), 149-150.

¹⁶ Falcão, *Guimarães...*, 481.

¹⁷ ADB, *Gavetas de Prazo do Cabido*, n.º 58. Este caso desperta a nossa atenção porque numa doação feita por Maria Domingues, a um mercador, a mesma é referida como sendo *talha bolsas*. Mas não só, pois logo

Mesteirais que emprazam na sua maioria edifícios térreos, normalmente por três vidas, com rendas variadas de acordo com a tipologia dos edificadas e da sua localização. Em número diminuto, surgem os edifícios de um ou dois sobrados, onde, no caso da Rua da Sapataria, eram constituídos por lojas nos seus rés-dos-chãos,¹⁸ utilizadas possivelmente para o exercício de atividades económicas.¹⁹

Estas atividades acompanham, por vezes, as alterações urbanísticas que se vão realizando na cidade, sendo visíveis algumas modificações no tecido urbano, dos séculos XIV e XV, assistindo-se também à adaptação da sua população à nova realidade. Para além do alargamento do seu sistema defensivo e do perímetro urbano²⁰, sofre a alteração dos seus espaços de venda e de comércio de acordo com a nova disposição topográfica. Como consequência, em alguns casos, assiste-se à alteração de locais de trabalho ou venda para darem lugar a outro tipo de atividade, de que é exemplo o caso dos açougues.

Inicialmente localizados em frente à Sé Catedral, os açougues nos inícios do século XVI, aquando a entrada de D. Diogo na cidade, foram transferidos para o espaço extramuros, mais concretamente para o Campo S. Miguel do Anjo.²¹ Esta alteração poderá estar relacionada com as atividades que, geralmente, nestes equipamentos se desenrolavam, uma vez que neles se matava e vendia o gado. Assim, havia a necessidade destes equipamentos se fixarem num local afastado do núcleo urbano, pelas atividades geradoras de maus cheiros que neles se praticavam.²² No entanto, não passará de uma suposição, ficando em aberto a razão pela qual o seu primeiro edificado se efetuou num espaço tão próximo do referido local de culto e prestígio, tal como se encontra noutras cidades, nomeadamente no Porto.²³

Relativamente aos topónimos designativos de um mester, poucos são os que se encontram na cidade de Braga, destacando-se as artérias ou espaços amplos como a Rua da Sapataria, a Rua da Olaria, a Praça das Panelas e a Rua da Erva²⁴. A designação desta última artéria sugere a existência neste local de um mercado de forragens, ou simplesmente foi atribuída por se tratar de uma ligação com a Torre de Santiago, onde decorria a feira.²⁵ Ruas que, na sua maioria, não eram habitadas apenas e exclusivamente pela atividade mesteiral que originou a sua designação, como é o caso da Rua da Olaria.

Quanto à Rua da Olaria,²⁶ independentemente do seu nome parecer indiciar a predominância dessa atividade no seu troço, o certo é que até ao momento ainda não encontrámos nenhuma referência a este mester no seio da mesma artéria, ao passo que a presença de sapateiros, tendeiros ou cutileiros se pode comprovar. No entanto, escavações arqueológicas na Rua das Oussias, próximo da Rua da Olaria, revelaram um número significativo de cerâmicas, levantando a hipótese da existência de um mercado

após o seu nome surge uma designação que nos coloca algumas dúvidas na sua transcrição. A referida Maria Domingues poderia ser uma "tenteira", "centeira" ou "tendeira".

¹⁸ Maria do Carmo Franco Ribeiro, "Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana" (tese de doutoramento, Braga, Universidade do Minho, 2008), 468.

¹⁹ Donata Degrassi, *L'Economia artigiana*, 63-68.

²⁰Ribeiro, "A Evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Média – Síntese de resultados", 191.

²¹ Ver mapa n.º1. Eduardo Pires de Oliveira, *Estudos Bracarenses – As alterações toponímicas (1380-1980)* (Braga: ASPA-Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural, 1982), 118; Avelino Jesus da, "D. Diogo de Sousa, novo fundador de Braga e grande mecenas da cultura", in *Homenagem à Arquidiocese de Primaz nos 900 anos da dedicação da Catedral (Braga, 4-5 de Maio de 1990)*, (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1993), 112.

²² Ribeiro e Melo, "A Influência das Atividades Económicas", 153.

²³ Melo, *Trabalho e Produção*, 228-230.

²⁴ Ver mapa n.º1.

²⁵ Ribeiro, Braga entre a época romana e a Idade Moderna, 436; Oliveira, Estudos Bracarenses, 51.

²⁶ Para a sua melhor contextualização na cidade, veja-se o mapa n.º1.

de olarias, ou centro de produção, naquele local nos séculos XIV e XV.²⁷

Alguns indivíduos escolhiam locais estratégicos para aí se instalarem e venderem os seus artigos, nomeadamente nos postigos ou nos eixos viários mais procurados e frequentados pela população. Eixos como a Rua de Dom Gualdim localizada muito perto da Sé Catedral e dos Açougues²⁸, mas também próxima dos postigos, que se localizavam nas principais vias de acesso e se associavam ao exercício de atividades económicas.²⁹ Neste contexto, uma nova artéria, ideal para o funcionamento de uma atividade económica, mas que não se encontrava urbanizada, surgiu ocupada a partir do século XIV e XV. A Rua do Souto urbanizou-se através da edificação de prédios, e verificamos a sua ocupação por diversos tipos de mesteiros, desde sapateiros, correeiros a alfaiates. Esta viria a tornar-se numa via bastante desejada para se habitar ou exercer comércio, uma vez que usufruía de uma excelente localização no tecido urbano da cidade, ligando a porta nascente da cidade, o castelo e a torre de menagem ao Paço Arqueiscopal e à Sé.³⁰

Mesmo aquelas ruas que se situavam mais afastadas do núcleo populacional e central, não ficaram esquecidas. Como exemplo temos a Rua de Maximinos, um eixo viário localizado extramuros, por onde se fazia a saída da cidade em direção ao Porto. De salientar que no século XV esta rua tem uma nova configuração, dada a alteração do topónimo Rua dos Burgueses, que adquire o nome de Rua de Maximinos.³¹ De acordo com o nosso estudo, esta última artéria contava com a predominância de dois mesteres inseridos no seu troço, alfaiates e sapateiros em número significativo, mas também carnicheiros, tripeiros e açagadores. Predomínio justificado não só pela excelente localização geográfica no espaço urbano, mas também porque à Rua dos Burgueses convergiam outras artérias. Iriam assim ao seu encontro a Rua Verde, a Rua da Triparia, a Rua Dom Gualdim Pais, a Rua da Erva, e ainda a Rua da Sapataria.³² Seria esta última, a julgar-se pelo topónimo atribuído e pelos edifícios que continham loja no rés-do-chão³³, um local de venda ou produção exclusiva de calçado? Decerto não, pelos exemplos conhecidos de outras cidades. De facto, sabemos que nesta artéria também se encontravam outros mesteres e, simultaneamente, que existiam sapateiros noutras ruas, conforme os dados que temos já analisados e que alguns estudos publicados têm revelado.³⁴

Torna-se então compreensível que a instalação destes oficiais mecânicos ocorresse próximo de locais de venda de matérias-primas, ou de outros mesteres essenciais para o exercício das suas atividades, razão que justifica a sua concentração e disposição topográfica pela cidade. Ao organizarem-se no espaço urbano, alcançavam uma segurança face a eventuais abusos, dada a vigilância recíproca para o controlo da quantidade e qualidade dos produtos, dos seus preços, e esta situação servia ainda como meio de captar e atrair mais clientes.³⁵ Justifica-se assim, por exemplo, a concentração de mesteiros dos couros em determinados locais, entre os quais sobressaíam os sapateiros, carnicheiros e peliteiros, fixados numa zona afastada da Sé Catedral, mas contígua uns

²⁷ Ribeiro, *Braga entre a época romana e a Idade Moderna*, 440; Ribeiro e Melo, "A Influência das Atividades Económicas", 156.

²⁸ Para uma melhor contextualização, veja-se o mapa n.º1. Ribeiro, *Braga entre a época romana e a Idade Moderna*, 432.

²⁹ Ribeiro e Melo, "A Influência das Atividades Económicas"; Donata Degrassi, *L'Economia artigiana*, 67.

³⁰ Ribeiro, *Braga entre a época romana e a Idade Moderna*, 463-466.

³¹ Oliveira, *Estudos Bracarenses*, 67; Ribeiro, *Braga entre a época romana e a Idade Moderna*, 475.

³² Ribeiro, *Braga entre a época romana e a Idade Moderna*, 475.

³³ *Ibid.*, 468.

³⁴ Ribeiro e Melo, "A Influência das Atividades Económicas", 147-159.

³⁵ A. H. Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa – Aspectos da vida quotidiana* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010), 172; Donata Degrassi, *L'Economia artigiana*, 170; José Angel Muñoz, "Mondo Urbano e corporazioni nella Coroa d'Aragona (sec. XIII)", (Comunicação apresentada no vigésimo Simpósio Internacional *Tra economia e politica: le corporazioni nell'Europa Medievale*, Pistoia, Centro Italiano di Studi di Storia e d'Arte Pistoia, 13-16 maggio, 2005), 177.

com os outros ao longo da Rua da Sapataria, da Triparia e dos Burgueses. Concentrações que não invalidavam a instalação destes mesteres pelas restantes artérias e áreas periféricas da cidade.

Noutras cidades, abunda informação qualitativa e quantitativa relativa às tendas,³⁶ mas em Braga, pelo contrário, é quase inexistente. No entanto, encontramos referências a equipamentos relacionados com o exercício da atividade mesteiral. Numa dimensão mais reduzida, para além dos açougues, surgem referências para o século XV de alpendres, rossios, chãos, recantos, tabernáculos, estalagens e pelames em número significativo. Estruturas espalhadas (ou concentradas, no caso dos pelames), intramuros e extramuros, nomeadamente na zona dos arrabaldes da cidade, que se tornam locais importantes para o exercício de ofícios mecânicos.

Com frequência, deparamo-nos com contratos de aforamento ou emprazamento de chãos a artífices, com a obrigação de neles se construírem habitações, térreas ou *sobradadas*, que deveriam ser usadas para o exercício do seu ofício. Por vezes, especificam-se as dimensões e características que deveriam ter, não só dos edificadados, mas também dos tabernáculos, alpendres, recantos ou chãos. A título de exemplo, veja-se o emprazamento de um chão a um barbeiro, com a condição de que o enfiteuta fizesse uma casa sobradada, de modo a que a habitação tivesse uma porta contra o rossio para quem se deslocasse pudesse ver a prática da sua atividade do exterior.³⁷

CONCLUSÃO

Com o cruzamento das diferentes componentes da história – urbana, social, política e económica – pretende-se neste trabalho salientar a importância dos mesteres nas cidades medievais, e sobretudo a instalação destes oficiais e ofícios mecânicos pelo tecido urbano da cidade de Braga, no período dos séculos XIV e XV e saber se a sua presença se traduziu numa forma de concentração ou dispersão das atividades e de quais se tratavam. Caso se verifique o modelo de concentração, é nosso objetivo analisar as suas expressões concretas e modalidades de inserção no quadro do espaço urbano bracarense.

Face ao exposto, podemos constatar que a localização e instalação dos mesterais varia consoante a evolução urbanística da cidade, e em função da sua proximidade ou afastamento relativamente aos edifícios de grande prestígio, como o caso da Sé Catedral, ou estabelecimentos/mercados como os açougues.

Pelas ruas, inseridas em duas tipologias de planeamento, a presença de oficiais mecânicos espelha duas situações. A primeira é que a escolha de determinadas artérias ocorreu por as mesmas se localizarem próximas de outros mesteres essenciais para o exercício de suas atividades, como se verificou com o mester do setor do calçado. Na segunda situação, assistiu-se à escolha de locais estratégicos e ideais para a sua instalação no tecido urbano porque se encontravam em permanente contato com a população. Facto que podemos comprovar através da Rua do Souto, bastante próxima da Sé Catedral e localizada nas imediações das restantes vias e postigos da cidade.

Independentemente de existir uma forte concentração de atividades ligadas ao setor do calçado numa zona afastada da Sé Catedral, tal não invalidava a hipótese da presença de outros mesterais naquele local. A predominância de um mester numa única rua resultava, por vezes, na atribuição da designação desse ofício a essa artéria, como é o caso da Rua da Sapataria. Mas tal não significava que esse espaço fosse apenas restrito para o ofício mecânico que deu origem à sua denominação. O mesmo ocorreu com a Rua da Olaria, na qual se deixa em aberto a questão de saber se aí predominava a presença de artificies ligados a este mester, uma vez que na documentação aqui analisada

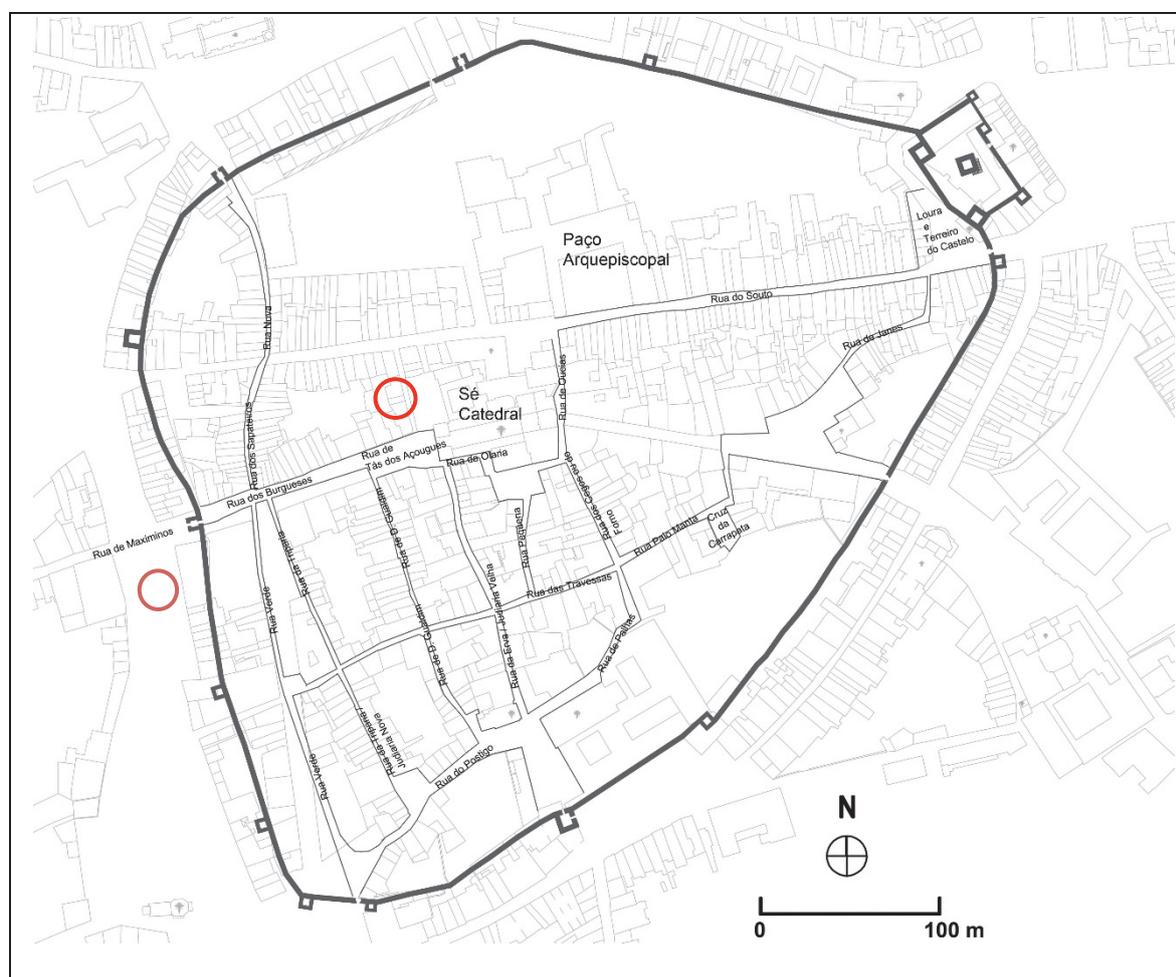
³⁶ Relativamente a esta situação, apenas se encontrou uma pequena referência a uma *Rua das Tendas*. Esta, por um lado pode significar o domínio da instalação de tendas naquele local, mas por outro a designação do seu topónimo pode não se encontrar relacionado com o tipo de estruturas e edifícios que lá se inseriram.

³⁷ AMB, *Livro de Prazos da Câmara Secular*, fls. 20-21v.

ainda não se encontrou qualquer referência a esta atividade, embora a descoberta de cerâmica numa rua bastante próxima seja um facto sugestivo.

Apesar do grosso da documentação se referir apenas a prazos de edifícios, e na ausência de elementos de dados relativos a tendas, constatámos a ocorrência do empra-zamento de outros equipamentos essenciais para o exercício de uma atividade artesanal, comercial e industrial, como os rossios, praças, tabernáculos, alpendres e pelames na cidade ou nos seus arrabaldes.

Concluindo, pretendeu-se com este artigo apresentar alguns exemplos da presença dos mesteirais na cidade de Braga, dos séculos XIV e XV, relacionando-os com a toponímia, espaços comerciais e outros equipamentos usados no exercício das suas atividades. Procurámos, assim, apresentar o modelo de trabalho que seguimos na nossa dissertação, que naturalmente apresenta uma maior amplitude do que aquela aqui apresentada, pois procura englobar a totalidade dos artificies que fomos descobrindo pelo tecido urbano bracarense.



1^a Localização dos Açougues (localização aproximada)
2^a Localização do Açougues - Campo S. Miguel do Anjo (localização aproximada)
Fonte Cartográfica: Maria do Carmo Franco Ribeiro, "A Evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Média - Síntese de resultados", *Fórum* 44-45, (2009/2010): p. 192 (adaptada).

Mapa n.º 1 - Enquadramento das artérias existentes em Braga na Idade Média